

## BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS EXPRESSÕES DE TRATAMENTO DA LÍNGUA JAPONESA

Tae Suzuki

Se entendermos o tratamento na sua acepção mais larga, como a maneira de um indivíduo se dirigir a outro com certos cuidados e atenções devido a fatores sociais ou contextuais, podemos afirmar que qualquer meio social comporta o tratamento. São as reverências e cumprimentos nos encontros com conhecidos, nas apresentações a desconhecidos; a obediência a certas normas de conduta social; o timbre e a tonalidade da voz empregados, conforme a comunicação estabelecida seja pública ou particular; o cuidado com o vestuário e seus acessórios, conforme a ocasião seja formal ou não; a escolha do tipo de papel e de caligrafia para uma determinada correspondência. E assim, uma série de considerações que podem ser traduzidas, em maior ou menor grau, pelos vários sistemas lingüísticos existentes, através da linguagem de tratamento. É o que ocorre com a língua japonesa, que apresenta um modelo lingüístico específico do tratamento, sistematicamente elaborado, o que tem levado muitas vezes a interpretações errôneas de que a linguagem de tratamento constitui uma de suas características.

Embora não se possa condicionar diretamente a língua aos fatores sociais ou culturais, existe uma relação intrínseca entre a língua e a sociedade. A língua atua como um elemento de interação entre o homem e a sociedade em que ele vive, estabelecendo a comunicação lingüística através dos signos pelos quais traduz a realidade.

Sem pretender estabelecer um elo de causalidade, propomo-nos a fazer uma breve análise da relação existente entre a língua japonesa e alguns fatores sócio-culturais relevantes na determinação do trata-

mento, através de um esboço do processo de geração e do mecanismo das expressões de tratamento da língua japonesa.

O tratamento implica numa relação de forças entre os homens de uma sociedade, baseada na estrutura e nos valores vigentes nessa comunidade. Considerando-se que uma comunicação lingüística pressupõe um emissor, um receptor e uma mensagem transmitida através de um código que lhes seja comum, as expressões de tratamento constituem um expediente lingüístico utilizado pelo emissor para estabelecer um distanciamento sócio-psicológico entre ele e as pessoas implicadas na sua fala, um distanciamento fundado na relação de forças existente entre eles.

O distanciamento é determinado por fatores de ordem social e/ou contextual, de modo que, para se atribuir lingüísticamente o tratamento, o emissor deve: 1. determinar o seu objeto; 2. sobre esse objeto, tecer as considerações ditadas por fatores sociais ou contextuais; 3. atribuir a forma lingüística conveniente àquele objeto, segundo as considerações feitas.

Na medida em que as expressões de tratamento estabelecem a distância do emissor com relação às pessoas implicadas na sua fala, em princípio, o objeto do tratamento seria as pessoas da fala: o emissor, o receptor ou terceiras pessoas referidas na fala. O tratamento da língua japonesa, no entanto, pode ser atribuído às ações praticadas por uma das pessoas da fala, aos objetos a ela pertencentes, aos fatos a ela referentes, bem como às pessoas a ela relacionadas, como veremos mais tarde. Embora o tratamento lingüístico seja atribuído diretamente às ações, aos objetos ou aos fatos relativos às pessoas da fala, o que se considera é a relação entre as pessoas implicadas, a partir da análise feita pelo emissor, dos fatores extra-lingüísticos que determinam essa relação.

Dentre os fatores extra-lingüísticos, sobressaem os sociais. Apesar da sociedade japonesa atual não apresentar uma estratificação social estanque e fixa a ponto de bastar por si só, como um parâmetro para medir as relações humanas dos seus indivíduos, existe muito forte a noção de superioridade ou inferioridade hierárquica regendo a vida dos seus homens, na sociedade em si ou nos seus segmentos. O status social, a idade, o sexo, a antigüidade num determinado cargo ou ocupação, são alguns dos fatores que, isolada ou conjuntamente, podem determinar a hierarquização.

Assim, por exemplo; ao se considerar um aluno inferior ao professor, um secretário a um diretor executivo, um filho ao seu pai,

prevalece o fator *status* estabelecido pelo meio social. Já a diferença etária determina o tratamento em casos que impliquem num relacionamento entre dois irmãos, entre dois amigos sem nenhuma outra relação a uni-los senão a de amizade, entre dois funcionários admitidos na mesma data e que ocupem o mesmo cargo numa empresa, considerando-se os mais idosos superiores aos mais jovens. Quando, porém, o relacionamento se dá entre dois alunos de turmas diferentes predomina o fator antigüidade e o calouro é considerado inferior a qualquer veterano, mesmo que este seja mais jovem. O mesmo se dá quando, entre dois funcionários ocupando o mesmo cargo numa empresa, aquele que foi admitido depois é considerado inferior àquele que o foi antes; quando, porém, há coincidência na época de admissão, prevalece a diferença de idade. O sexo, apesar de vir perdendo com o passar dos tempos, sua força como determinante da diferença hierárquica, ainda exerce influência em alguns grupos (no núcleo familiar, nas regiões rurais), onde os homens são considerados superiores às mulheres.

Não só a hierarquia, mas a noção de exterioridade e interioridade rege a relação humana na sociedade japonesa. Para o japonês, há um universo que lhe pertence e, portanto, merece um tratamento mais modesto em relação ao universo do outro. Aí se colocam a sua família, a sua escola, o seu ambiente de trabalho, os seus amigos mais diretos, os seus pertences materiais. O fator hierárquico prevalece na relação humana entre indivíduos pertencentes a um mesmo grupo social, mas pode sofrer alterações quando considerada com relação a uma pessoa fora desse grupo.

Assim, por exemplo, um filho que é considerado inferior ao pai dentro da família, ao se dirigir diretamente ao pai ou ao se referir a ele num diálogo com os demais membros de sua família, deve fazer transparecer na sua fala, a relação que os une. Quando, porém, a comunicação tem lugar com alguém que não faça parte daquele núcleo, o filho atribui ao pai um tratamento considerando-o um elemento que pertence ao seu "universo", e, portanto, de menor consideração em relação ao "universo" do interlocutor. Em condições normais, jamais fará uso de artifícios lingüísticos que denotem descaso ou desconsideração pelo pai, exceto quando uma situação contextual (de briga, de ódio, de intriga) assim o permita. Mesmo numa empresa, o tratamento dispensado por um subalterno ao seu superior difere quando o diálogo se dá com o superior ou com companheiros da própria empresa, e quando se dá com terceiros; refere-se ao superior com

respeito no primeiro caso, e com modéstia, no segundo. Mas se há um grau de intimidade muito grande entre o interlocutor e o seu superior, o emissor tendo conhecimento do tipo de relação existente entre eles, emite um tratamento que registra a diferença hierárquica que o separa da pessoa referida, uma vez que o amigo pertence ao “universo” do seu superior e com ele, indiretamente ao seu.

Além dos fatores de ordem social, outros de ordem contextual podem concorrer na definição do tipo de tratamento utilizado pelo emissor. A intimidade ou uma relação de animosidade podem provocar uma quebra dos valores estabelecidos, permitindo ao emissor, ou a supressão de formas respeitadas de tratamento, ou a sua substituição por formas pejorativas ou depreciativas. Essa inversão de valores dificilmente ocorre nas expressões emitidas diretamente ao endereçado, salvo quando a diferença hierárquica é pequena, ou é muito forte o estado de animosidade. Portanto, quando ocorre, a pessoa a quem é atribuído o tratamento é, via de regra, uma terceira pessoa diferente do receptor sem grande diferença hierárquica com o emissor, e em relação a quem o emissor nutre um sentimento de animosidade.

Uma inversão às avessas, ou seja, empregar uma forma respeitosa de tratamento quando não necessário, é o que se verifica quando um emissor hierarquicamente superior está em dívida com relação a uma pessoa inferior – um empréstimo, um favor recebido à espera de uma retribuição, um auxílio prestado. Também nesses casos, a diferença hierárquica entre as pessoas implicadas não deve ser muito grande.

Em cada situação de fala, o emissor computa os fatores nela relevantes para estabelecer as diferenças existentes entre ele e o seu objeto, para então atribuir a forma lingüística cabível.

As expressões de tratamento operam diferentemente em dois momentos de uma comunicação lingüística: num primeiro momento de passar a mensagem em si, e num outro, de dirigi-la ao interlocutor. As considerações efetuadas pelo emissor com relação a um determinado objeto, são computadas e tratadas lingüisticamente no primeiro momento, a nível de transmissão da mensagem. No segundo momento, temos apenas a preocupação do emissor na maneira de transmitir a mensagem ao seu receptor, independentemente das diferenças que possam existir entre eles. A distância já é registrada a nível de mensagem, na medida em que o receptor nela atue, ou nela seja referido.

Assim, o emissor A, considerado inferior a uma pessoa B, deve registrar a distância existente entre eles dentro da mensagem, enquanto B é considerado personagem da fala, quer ele seja receptor ou não.

Essa distância pode ser expressa de duas formas diferentes, dependendo de quem esteja atuando na mensagem ou a quem se refiram os fatos nela levantados. Caso o sujeito da ação ou os fatos citados sejam referentes a B, o emissor faz uso de expediente lingüístico que os elevem em relação a si mesmo — são as expressões de respeito. Em caso contrário, isto é, quando o sujeito da ação é o próprio emissor ou quando os fatos são a ele referentes, o emissor emprega formas lingüísticas que revelem uma redução de seus atos ou fatos — são as expressões de modéstia. Ambas as expressões visam manifestar a consideração do emissor para com uma pessoa que, hierárquica ou contextualmente, é considerada merecedora de um tratamento diferenciado para mais. As expressões de respeito e as de modéstia constituem, pois, o verso e o reverso de uma mesma espécie de tratamento, diferindo apenas na medida em que se determina quem atua na mensagem.

Registradas as distâncias e diferenças na mensagem, o emissor dirige-a com cortesia e atenção ao seu interlocutor através das expressões de polidez, que nada mais são do que um invólucro com que o emissor envolve a sua mensagem no momento de sua transmissão ao receptor.

Além dessas formas lingüísticas que implicam em alguma maneira de expressar um tratamento de respeito, reverência ou consideração do emissor com relação a uma determinada pessoa da fala, existem aquelas que, ao contrário, expressam a injúria, o insulto, a depreciação, e outras, que são expressão de atitudes arrogantes ou altivas do emissor. *Lato sensu*, constituem expressões de tratamento, mas aqui trataremos mais especificamente das expressões de respeito, de modéstia e de polidez, que se referem a uma consideração centrada pelo emissor em uma pessoa que, social ou contextualmente, é merecedora de um tratamento para mais.

Apresentaremos, a seguir, as formas lingüísticas do tratamento, que podem ser realizadas pelo emprego de lexi-gramêmicos específicos de tratamento, pela coadjuvação de partículas formulativas de respeito, modéstia ou polidez, ou ainda, pela coadjuvação de afixos de tratamento.<sup>(1)</sup>

A nível de interlocução, o objeto do tratamento é a pessoa do interlocutor. A nível de mensagem, entretanto, pode ser uma das pessoas da fala, bem como as ações por ela praticadas, seu estado ou qualidade, os fatos ou coisas a ela referentes, levando-se em conta a tensão da relação entre o emissor e a pessoa enfocada.

### *Tratamento das pessoas da fala*

Referir-se a alguém pelo nome próprio simplesmente, constitui uma descortesia na língua japonesa, de modo que a maneira mais usual de fazê-lo, é pelo emprego de afixos de tratamento acompanhando o nome. Mesmo os pronomes pessoais não têm um uso muito freqüente na língua, e quando é usado, exige uma relação de intimidade entre os interlocutores. Há uma variedade de pronomes pessoais que, embora não sejam de tratamento no sentido restrito, obedecem a certas regras de uso, determinadas pelo sexo da pessoa a quem se refere e pelo contexto da fala, o que lhes confere uma certa similitude com o tratamento.

Os pronomes WATASHI (de primeira pessoa), ANATA (de segunda pessoa), KARE (=ele), KANOJO (=ela) e ANOHITO (=aquela pessoa) são, hoje, desprovidos de qualquer carga de tratamento e têm um uso indiscriminado por homens e mulheres. Com exceção de WATASHI, de que falaremos mais adiante, o uso desses pronomes só se dará na condição de uma relação mínima de intimidade entre os interlocutores. Em relação a esses pronomes, há outros que são de uso exclusivo dos homens e que registram uma maior intimidade por parte do usuário em determinados casos, ou uma atitude de superior a inferior, em outros. São: para primeira pessoa – BOKU, ORE (mais íntimo que BOKU); para segunda pessoa – KIMI, OMAE, KISAMA (dirigido somente a receptores do sexo masculino); para terceira pessoa – ANOYATSU, ANOYARŌ.

Não há pronomes de uso exclusivo das mulheres, salvo as formas ATASHI e ATAI, resultado de transformações fonéticas sofridas por WATASHI (pronome de primeira pessoa), usadas apenas na linguagem falada. Nessa medida, o mesmo WATASHI muda de conotação quando empregado por um homem ou por uma mulher. Emitido por um homem, registra o respeito do emissor com relação ao seu receptor, por estabelecer um distanciamento maior pela escolha do termo que passa a ser a expressão de modéstia de primeira pessoa, em contraposição aos pronomes BOKU e ORE. Quando o emissor for uma mulher, a carga de modéstia é bem menor, quase nula, constituindo a forma de registro zero de tratamento de primeira pessoa. Nesses casos, a intimidade só é transmissível pelas formas reduzidas ATASHI ou ATAI, ou pela tonalidade da voz.

O tratamento *stricto sensu* transparece nas expressões de respeito e de modéstia, como segue:<sup>(2)</sup>

## I. Expressões de respeito:

1. pelo emprego de pronomes de tratamento: houve épocas em que havia pronomes de tratamento para primeira pessoa, quando vingava o respeito absoluto aos imperadores e governantes, permitindo-se-lhes que se auto-referissem com respeito; hoje, porém, só temos pronomes de tratamento para segunda e terceira pessoas:
  - KIKA ou KIDEN: pronomes de tratamento para segunda pessoa usados principalmente por homens, na linguagem escrita.
  - ANOKATA: pronome de tratamento para terceira pessoa, em substituição a KARE, KANOJO, ANOHITO, já citados.
2. pela posposição de sufixos de respeito aos nomes próprios: alguns desses sufixos não marcam uma atitude respeitosa do emissor para com a pessoa em questão, mas servem como o meio lingüístico para evitar a grosseria de se dirigir diretamente pelo nome às pessoas, enquanto interlocutores ou personagens da fala.
  - SAN (usado para adultos de ambos os sexos): corresponde aproximadamente ao “sr., sra., srta.” do português, mas não necessariamente com o distanciamento que estes impõem.
  - SHI (usado para adultos de ambos os sexos): mais comumente utilizado na linguagem escrita.
  - KUN (usado por pessoas do sexo masculino para homens de posição hierárquica equivalente ou inferior).
  - CHAN (usado para crianças de ambos os sexos): posposto ao prenome, enquanto os demais o são ao sobrenome.
  - REIKEI, REISOKU, REIJŌ, REIFUJIN: originariamente, são substantivos compostos do prefixo REI de respeito + KEI (=irmão mais velho), SOKU (= filho do sexo masculino, JŌ (= filha), FUJIN (= esposa, senhora). Embora restritos à linguagem escrita, são empregados tanto como sufixos, bem como substantivos. Ao passar a ser usado como sufixos de respeito, desgastou-se o tratamento contido no termo originário, tornando-se necessário o apoio do prefixo GO de respeito para regis-

trar o respeito ao irmão mais velho, ao filho, à filha, à esposa enfocados. Assim, temos: como sufixo “. . . REISOKU” (=o filho Fulano) e como substantivo “GO-REISOKU” (=vosso filho; o filho de).

3. pela posposição de termos que indiquem a qualificação da pessoa enfocada, como segunda ou terceira pessoa:

- SENSEI (=professor), BUCHŌ (=chefe de seção), SHISHŌ (=mestre): originariamente substantivos, podem ser usados isoladamente como referentes pessoais, no lugar dos pronomes pessoais da segunda ou terceira pessoas.

## II. Expressões de modéstia:

1. pelo emprego de pronomes de modéstia referentes ao emissor:

- WATAKUSHI: exprime a modéstia do emissor em contraposição a ATASHI, ATAI, WATASHI (para mulheres) e a ORE, BOKU, WATASHI (para homens).
- TEMAÉ: usado apenas pelos homens, é mais modesto que WATAKUSHI.

2. pela coadjuvação de prefixos de modéstia a termos referentes ao emissor ou a pessoas pertencentes ao seu “universo”:

- SHŌ: SHŌSEI = eu; SHŌTEI = meu irmão mais novo
- GU: GUSAI = minha esposa; GUKEI = meu irmão mais velho

3. pelo emprego de termos de modéstia, em contraposição a outros sem tratamento:

- SHUJIN (=meu esposo) em contraposição a GOSHUJIN, DANNASAN (=esposo dos outros)
- NYŌBŌ (=minha esposa) em contraposição a OKUSAN, GOFUJIN (=esposa dos outros)
- CHICHI (=meu pai) em contraposição a OTŌSAN (=pai dos outros)
- HAHA (=minha mãe) em contraposição a OKĀSAN (=mãe dos outros).

### *Tratamento da ação, estado ou qualidade*

Ao atribuímos um tratamento a uma determinada ação contida na mensagem, devem ser considerados quem pratica a ação, a quem se



destina os efeitos da ação e a tensão da relação que os une. São os polos que norteiam as considerações do emissor para a atribuição da forma lingüística do tratamento relativo à ação considerada. Dessa forma, as expressões de respeito relativas às ações inseridas na fala, devem ser atribuídas àquelas praticadas por uma pessoa hierarquicamente superior ao emissor ou àquelas praticadas por uma pessoa hierarquicamente superior cujos efeitos atinjam uma outra inferior, quer este seja o próprio emissor ou uma terceira pessoa. Para tanto são utilizados os seguintes expedientes lingüísticos:

**I. Expressões de respeito:**

**1. pelo emprego de lexi-gramêmicos ou lexêmicos de respeito:**

- NASARU no lugar de SURU (= fazer)
- MESHAGARU no lugar de TABERU (= comer)
- IRASSHARU no lugar de IRU (= estar, permanecer), de IKU (= ir), de KURU (=vir).

**2. pela coadjuvação da partícula formulativa de respeito RERU ou RARERU: IKU (=ir) fica IKARERU**

**SHIMERU (= fechar) fica SHIMERARERU**

**3. pela coadjuvação de lexi-gramêmicos de respeito:**

- TEKUDASARU: KURU (=vir) fica KITEKUDASARU  
HANASU (= falar, relatar) fica HANA-SHITEKUDASARU

- TEITADAKU: UERU (=plantar) fica UETEITADAKU  
KURIKAESU (=repetir) fica KURIKAE-SHITEITADAKU

**4. pela coadjuvação dos prefixos de respeito O/GO e de lexi-gramêmicos auxiliares de respeito:**

- O/GO. . . .NINARU: KIMERU (=decidir) fica OKIMENI-NARU

**KAERU: (= voltar, regressar) fica OKAERININARU**

- O/GO. . . .NASARU: KAERU fica OKAERINASARU  
SANKASURU (=participar) fica GO-SANKANASARU

## II. Expressões de modéstia:

1. pelo emprego de lexi-gramêmicos ou lexêmicos de modéstia:
  - ITASU no lugar de SURU (= fazer)
  - HAIKENSURU no lugar de MIRU (= ver)
  - MAIRU no lugar de IKU (= ir)
2. pela coadjuvação de lexi-gramêmicos auxiliares de modéstia:
  - TEAGERU/TESASHIAGERU<sup>(3)</sup>: KAU (= comprar) fica KATTEAGERU/KATTESASHIAGERU
3. pela coadjuvação dos prefixos de modéstia O/GO e de lexi-gramêmicos auxiliares de modéstia:
  - O/GO...ITASU: OKURU (= enviar) fica OOKURIITASU  
CHŪKOKUSURU (= aconselhar) fica GOCHŪKOKUITASU
  - O/GO...MŌSU/MŌSHIAGERU<sup>(4)</sup>: OKURU fica OOKURIMŌSHIAGERU  
CHŪKOKUSURU fica GOCHŪKOKUMŌSU/  
GOCHŪKOKUMŌSHIAGERU

O estado ou a qualidade comportam apenas o tratamento de respeito, que se realiza da seguinte forma:

1. pela coadjuvação do prefixo de respeito O:
  - UTSUKUSHII (= ser bonito, belo) fica OUTSUKUSHII
2. pela coadjuvação dos prefixos O/GO e dos lexi-gramêmicos auxiliares DESU/DEGOZAIMASU<sup>(5)</sup>:
  - GENKIDA (= estar de boa saúde) fica OGENKIDESU/  
OGENKIDEGOZAIMASU
  - KENMEIDA (= ser prudente) fica GOKENMEIDESU/  
KENMEIDEGOZAIMASU

### *Tratamento dos fatos ou objetos referidos na fala*

O tratamento que recai sobre os objetos ou fatos relativos às pessoas da fala, é atribuído lingüisticamente através de prefixos. Se são referentes a pessoas mais categorizadas que o emissor, vêm acrescidos de prefixos de respeito:

- O/GO, para objetos ou fatos referentes ao receptor ou às terceiras pessoas envolvidas na fala: ONAMAE (= teu nome, o nome dele)  
GOIKEN (=tua opinião, a opinião dele)

– KI, para objetos ou fatos referentes somente ao receptor:

KISHA (= tua empresa)

KII (= tua opinião)

Quando são referentes ao próprio emissor, vêm acompanhados de prefixos de modéstia: GUKEN (= minha opinião)

SETTAKU (= minha casa)

SHŌSHA (= minha empresa)

### *Tratamento de polidez, dispensado ao interlocutor*

Registrados todos os tratamentos a nível de mensagem, o emissor pode manifestar a sua cortesia ao receptor, a nível de interlocução, através das expressões de polidez emitidas no fim da fala:

1. pela coadjuvação das partículas formulativas de polidez MASU, DESU ou DEGOZAIMASU.
2. pela coadjuvação de lexi-gramêmicos auxiliares de polidez TEORIMASU, TEMAIRIMASU, TOZONJIMASU, etc.

São esses os expedientes lingüísticos de que se servirá o emissor para atribuir o tratamento julgado adequado a quem de direito, a partir de uma análise prévia do contexto de fala e da tensão das relações existentes entre as pessoas envolvidas.

Assim, se considerarmos a mensagem “A convida B”, o emissor deve saber quem é ‘A’ que pratica a ação de convidar, quem é ‘B’ que sofre os efeitos dessa ação, e qual a relação existente entre eles. A mesma mensagem em japonês, não contendo nenhuma carga de tratamento, seria: ‘A’-GA ‘B’-O SHŌTAISURU onde:

GA = partícula de caso nominativo;

‘B’ = partícula de caso acusativo;

SHŌTAISURU = “convidar”.

Com tratamento, podemos ter as seguintes realizações<sup>(6)</sup>:

I. Quando o emissor é também o sujeito da ação inserida na fala:

1. WATASHI/BOKU-GA ‘B’-O SHŌTAISURU

onde: WATASHI/BOKU = pronomes de primeira pessoa.

- WATASHI e BOKU são pronomes pessoais de primeira pessoa sem tratamento, utilizados pelas mulheres e pelos homens, respectivamente, e ‘B’ é citado simplesmente pelo nome, donde se pressupõe que não há muita distância a separar o emissor ‘A’ (E/A) do receptor (R) e de ‘B’ (a terceira pessoa convidada por ‘A’), configurando-se a relação interpessoal E/A ~ B ~ R.<sup>(7)</sup>

- o emissor pode transmitir a mesma mensagem polidamente ao receptor, sem alterar as relações pessoais registradas, com a simples junção do sufixo MASU de polidez à sua fala: WATASHI/BOKU-GA 'B'-O SHŌTAISHIMASU.
2. BOKU-GA 'B'KUN-O SHŌTAISURU  
 onde: KUN = sufixo de respeito para pessoas do sexo masculino ( v. p. 75 )
- tanto o emissor 'A', quanto 'B', pertencem ao sexo masculino, porque enquanto aquele se auto-refere por BOKU, 'B' é tratado por KUN.
  - há uma relação de intimidade ou de equivalência entre E/A, R e B, porque o emissor usa para si o pronome BOKU de intimidade em relação ao receptor e o sufixo KUN, em relação a 'B'. Nesse caso também, a relação é  $E/A \sim B \sim R$ .
3. WATASHI-GA 'B'SAN-O SHŌTAISURU(SHŌTAISHIMASU)  
 onde: SAN = prefixo de respeito para adultos de ambos os sexos ( v. p. 75);  
 MASU = partícula formulativa de polidez.
- se o emissor for uma mulher, o único termo de tratamento é SAN, sufixo de respeito empregado para 'B', configurando no caso, uma situação em que  $E/A < B$ .<sup>(8)</sup> Nesse caso, dispensa-se o uso do MASU de polidez.
  - se o emissor for um homem, WATASHI passa a ser um pronome de modéstia para primeira pessoa, pelo qual o emissor marca sua distância do receptor:  $E/A < R$ . Nesse caso, o emissor deve dirigir a fala polidamente ao receptor, uma vez que já registrou na mensagem o seu respeito com relação a este e é inconcebível que se manifeste o respeito sem a polidez.
  - o sufixo SAN empregado para 'B', faz com que tenhamos a relação  $E/A < B$ , com 'B' podendo ser o próprio receptor ( $E/A < R$ ) ou uma terceira pessoa. Se 'B' for o próprio receptor, temos a relação  $E/A < B/R$ ; mas se 'B' for uma terceira pessoa, ele pode ser superior ou de posição hierárquica equivalente, nunca inferior ao receptor, uma vez que o emissor se auto-refere por uma expressão de modéstia em relação ao receptor.
4. WATASHI-GA 'B'SAN-O GOSHŌTAISHIMASU  
 onde: GO = prefixo de modéstia ( v. p. 78 )

- o prefixo de modéstia GO de GOSHŌTAISHIMASU, ação praticada pelo emissor, aumenta a distância  $E/A < B$  da fala anterior.
- quando a distância é ainda maior, o emissor deve aumentar a carga de modéstia de sua ação voltada para 'B', pospondo o lexi-gramêmico auxiliar de modéstia ITASU, tendo então, GOSHŌTAITASHIMASU. Se 'B' for diferente do receptor, o pronome WATASHI pode ser mantido, registrando apenas a modéstia do emissor em relação ao receptor; mas se 'B' e o receptor forem a mesma pessoa, deve ser usado o pronome WATAKUSHI, de modéstia maior, para estabelecer um equilíbrio harmônico com a forma de forte carga de modéstia contida em GOSHŌTAITASHIMASU.
- a polidez é imprescindível, como no exemplo anterior.

## II. Quando o receptor é também o sujeito da ação:

### 1. KIMI-GA 'B'KUN-O SHŌTAISURU

onde: KIMI = pronome de segunda pessoa, utilizado por homens para homens ( v. p. 74 )

- o emprego de KIMI ao R/A e de KUN a 'B', faz com que ambos, assim como o emissor, pertençam ao sexo masculino.
- pelas mesmas razões, não há um grande distanciamento entre as três pessoas da fala, configurando-se a relação  $R/A \sim E \sim B$ .

### 2. 'A'KUN-GA 'B'SAN-O SHŌTAISURU

- o emprego de KUN ao receptor 'A', faz com que o emissor e o receptor não sejam muito distantes, dispensando-se qualquer forma de tratamento para a ação praticada por R/A.
- o emprego de SAN para 'B' registra sua superioridade hierárquica com relação ao emissor.

### 3. 'A'SAN-GA 'B'SAN-O SHŌTAISAREMASU/SHŌTAINAISAIMASU

onde: RERU = partícula formulativa de respeito

NASARU = lexi-gramêmico auxiliar de respeito.

- o emissor é inferior ao receptor 'A' ( $R/A > E$ )<sup>(9)</sup> por causa do SAN com que se refere a ele, e de RERU/NASARU com que se refere à ação praticada por 'A'.

- aqui também se exige a polidez, desde que o emissor manifesta seu respeito com relação a R/A dentro da mensagem.
- o emissor é inferior a 'B' ( $E < B$ ) por causa do SAN com que se refere a ele. A relação entre 'B' e R/A não é possível de ser filtrada por essa expressão, mas se  $B > R/A$ , o emissor pode exprimir a diferença usando o prefixo de respeito GO a SHŌTAINASARU, ação praticada por 'A'. A forma GOSHŌTAINASARU, entretanto, pode expressar também o respeito do emissor com relação a um receptor cuja posição hierárquica superior é bem considerável. As diferenças de nuance na expressão dos diferentes tratamentos serão mensurados conforme o contexto de cada situação de fala.

### III. Quando o sujeito da ação não é nem o emissor, nem o receptor:

#### 1. 'A'-GA ANATA/KIMI-O SHŌTAISURU

- o emissor, o receptor e 'A' são íntimos porque o emissor se refere a 'A' simplesmente pelo nome e porque o receptor é tratado por pronome pessoal ( v. p. 74 )
- falas com esse contexto dispensam, porém não excluem, a polidez, podendo portanto, vir acompanhados por partículas formulativas de polidez.

#### 2. 'A'KUN-GA 'B'SAN-O SHŌTAISURU

##### a) se 'B' for diferente do receptor:

- o emissor e 'A' são íntimos ou de posição hierárquica equivalente, por causa do KUN utilizado pelo emissor com relação a 'A' ( $E \sim A$ ).
- o emissor é inferior a 'B' ( $E < B$ ) por causa do SAN pelo qual 'B' é referido.
- se o emissor e o receptor são íntimos, dispensa-se o MASU de polidez.
- quando o emissor é inferior ao receptor, como este não atua na mensagem, uma forma indireta de lhe demonstrar a consideração, é pelo emprego do MASU de polidez que, embora não seja propriamente uma partícula de respeito, constitui o único expediente para expressar a sua consideração para com o receptor.

##### b) se 'B' for o receptor:

- o emissor deve necessariamente usar o MASU de polidez.

3. 'A' SAN-GA 'B'KUN-O SHŌTAISAREMASU/SHŌTAINA-SAIMASU
  - a relação  $E < A$  é registrada pelo emprego de SAN para 'A' e das expressões de respeito RERU/NASARU para a ação por ele praticada.
  - 'B' pode ser o receptor e, nesse caso, temos  $E \sim R$  pelo fato de R/B ser tratado por KUN.
  - se 'B' e o receptor são pessoas diferentes, temos  $A < B$  porque, enquanto aquele é tratado por SAN, este o é por KUN.
  - 'B' é íntimo do emissor e do receptor por causa do KUN.
4. 'A'SAN-GA 'B'SAN-O GOSHŌTAISAREMASU/GOSHŌTAINASAIMASU
  - 'A' e 'B' são superiores ao emissor por causa do SAN por este utilizado para tratá-los.
  - a distância entre o emissor e 'A' é considerável, em virtude da expressão de grande respeito GO. . .RERU/NASARU, atribuída pelo emissor à ação praticada por 'A'.
  - se o receptor e 'B' não são a mesma pessoa e se há intimidade entre o emissor e o receptor, dispensa-se o uso do MASU de polidez.
  - se 'B' for o receptor, o emissor é obrigado a usar a polidez.

Assim, há várias maneiras do emissor estabelecer seu distanciamento sócio-psicológico com relação a uma das pessoas da fala. A maneira mais direta é a atribuição de expressões de tratamento à pessoa enfocada, podendo-se fazê-lo indiretamente, atribuindo o tratamento às ações, como já vimos, ou ao estado, às coisas ou pessoas que digam respeito à pessoa considerada, como veremos a seguir.

Em princípio, o emissor deve atribuir as expressões de respeito ao estado, coisas e pessoas que sejam referentes àqueles que lhe são hierarquicamente superiores, e as expressões de modéstia, quando referentes a si próprio. Essas expressões de modéstia, além de serem poucas, têm um cunho solene e grave, sendo de uso mais freqüente na linguagem escrita; quando utilizadas na linguagem falada, o emissor registra através dela, o distanciamento considerável que o separa do receptor. Enquanto o tratamento atribuído diretamente às pessoas da fala ou às suas ações, permite uma oposição respeito/modéstia (em virtude da existência de afixos e de termos auxiliares que podem ser apostos a um número razoável de palavras), nesse caso, a oposição

fica em termos de respeito/expressão de tratamento zero. Vejamos alguns exemplos.

I. Quando o emissor se refere ao estado de uma pessoa:  
Supondo-se a frase “*todos estão bem*”, podemos ter:

1. MINA GENKIDA, onde:

MINA = “*todos*”;

GENKIDA = “*estar bem de saúde*”.

– o emissor fala de “*todos*” do seu universo (sua família, seu local de trabalho, seu grupo de amigos), por não empregar nenhum sufixo de tratamento a MINA.

– a ausência de expressão de polidez registra a relação de equivalência ou de intimidade entre o emissor e o receptor.

2. MINA GENKIDESU, onde:

GENKIDESU = forma polida de GENKIDA

– como não há uma expressão de modéstia para GENKIDA (estado de pessoas do seu universo) e o receptor não atua dentro da mensagem, o emissor pode expressar a distância que o separa do receptor que lhe é superior através da polidez contida em DESU.

3. MINASAMA OGENKIDESU -KA, onde:

SAMA = sufixo de respeito para pessoas de ambos os sexos;

OGENKIDESU = expressão de respeito correspondente a GENKIDA;

KA = partícula formulativa de dúvida ou interrogação.

– o emissor é inferior ao receptor pelo emprego de SAMA para se referir a “*todos*” do universo do receptor, e de expressão de respeito para o estado do receptor.

II. Quando o emissor se refere a coisas ou objetos referentes a uma pessoa:

Supondo-se a idéia de “*ir à casa de. . .*”, temos:

1. . . .-NO UCHI-E IKU/IKIMASU, onde:

NO = partícula genitiva;

UCHI = “*casa*”;

E = partícula de ablativo;

IKU = “*ir*”;

MASU = partícula formulativa de polidez.



- como a frase em japonês não registra nenhuma expressão de tratamento, fica difícil de detectar quem é o sujeito da ação e a quem pertence a casa. Podem ser levantadas as seguintes hipóteses: o emissor vai à casa do receptor ou de uma terceira pessoa; o receptor vai à casa de uma terceira pessoa<sup>(10)</sup>; uma terceira pessoa vai à casa do receptor ou de uma terceira pessoa.
- não havendo uma diferença hierárquica muito grande entre o emissor e quem vai ou o dono da casa, o termo UCHI permanece inalterado e o espaço em branco será preenchido por pronomes pessoais ou pelo nome com ou sem afixos de tratamento, de acordo com as relações interpessoais, conforme vimos.
- quando a diferença hierárquica é grande, temos as seguintes realizações lingüísticas.

2. OTAKU-E MAIRIMASU, onde:

OTAKU = expressão de respeito para “casa”

MAIRU = expressão de modéstia para IKU (= ir)

- o dono da casa é superior ao emissor porque este se refere por OTAKU à casa, e porque emprega uma expressão de modéstia para a sua ação (ou de alguém do seu universo) de ir.
- o dono da casa pode ser o receptor ou uma terceira pessoa.
- é obrigatório o uso da polidez.

3. SETTAKU-E OIDEKUDASAI, onde:

SETTAKU = expressão de modéstia para “casa”;

OIDEKUDASAI = expressão de respeito para “vir”, no imperativo

- o emissor é inferior ao receptor porque:
  - a) o emissor se refere à casa por meio de uma expressão de modéstia, portanto, ela só pode ser sua;
  - b) a ação é expressa com respeito, portanto, quem a pratica é alguém que lhe seja superior;
  - c) a ação sendo expressa no imperativo, seu autor só pode ser o receptor.

III. Quando se refere a uma pessoa relacionada a outra da fala:

Supondo-se a mensagem “o (meu) *marido* vai”, temos:

1. (GO)SHUJIN-GA IKU/IKIMASU, onde:
  - SHUJIN = “meu marido”
  - GOSHUJIN = “marido, esposo” (de terceiros)
  - IKU = “ir”
  - a pessoa que pertence ao “universo” do emissor é tratada com modéstia (SHUJIN) mas quando pertence ou se relaciona com terceiros, é tratada com respeito (GOSHUJIN, onde GO é um prefixo de respeito).
  - o emprego de IKU, termo sem tratamento, revela a pequena distância que há entre o emissor e o receptor.
  
2. SHUJIN-GA MAIRIMASU, onde:
  - MAIRU = expressão de modéstia correspondente a IKU.
  - o emissor usa expressões de modéstia para se referir ao marido e à ação que este pratica, registrando assim a grande distância que o separa do receptor.
  - não se pode dispensar a polidez, uma vez expresso o respeito ao mesmo receptor, na mensagem.
  
3. GOSHUJIN-GA IKAREMASU/IRASSHAIMASU, onde:
  - RERU = partícula formulativa de respeito;
  - IRASSHARU = expressão de respeito para “ir”.
  - essa fala registra a mesma distância marcada na fala anterior, com a diferença que quem pratica a ação é o marido da receptora, a quem se atribui as expressões de respeito referentes à pessoa (GOSHUJIN) e à ação (RERU/IRASSHARU).
  - o emissor é obrigado a transmitir polidamente a mensagem que registra o respeito ao receptor.

Essa é, em síntese, o esboço do mecanismo do tratamento da língua japonesa atual que, assim como a sociedade, veio sofrendo transformações com o correr dos tempos. Atualmente, predomina o tratamento relativo, em que as relações interpessoais são analisadas e computadas pelo emissor para receberem o tratamento lingüístico cabível. Houve épocas em que as expressões de respeito eram atribuídas a um certo número de pessoas que ocupavam os mais altos postos da escala social, independentemente das relações sociais ou contextuais que envolvessem as demais pessoas daquele contexto de fala. Enquanto o tratamento da língua clássica era subordinada a fatores

objetivos e externos ao emissor, o atual tem raízes em fatores subjetivos e internos ao emissor.

É difícil precisar a época da passagem do uso do tratamento absoluto, centrado na estratificação social, para o relativo, baseado na consideração subjetiva do indivíduo, mesmo porque essa passagem se dilui no tempo. O que se pode afirmar é que "o uso do tratamento relativo cresceu consideravelmente nos fins da Era Muromachi (sec. XIV~XIX), quando aumentou a complexidade das relações humanas da sociedade japonesa." (11)

Hoje, não é raro depararmos-nos com o uso de expressões de tratamento com a finalidade de apenas enfeitar ou atenuar uma fala. Essas expressões não se referem a nenhuma das pessoas da fala, não desempenhando, portanto, o seu papel precípua de servir de registro de uma deferência revelada pelo emissor com relação a um determinado objeto. Prefixos e lexi-gramêmicos auxiliares de tratamento são usados indiscriminadamente a fim de tornar a fala mais leve, mais bela. É o que se tem verificado com o uso abundante do prefixo O para substantivos que antes não o comportavam, e de GOZAIMASU no lugar de DESU, principalmente pelas mulheres. Assim:

1. usar O para KASHI (=doce) em OKASHI-O TABERU (=comer doce), quando KASHI não é algo que pertença a uma das pessoas da fala para merecer o tratamento.
2. pelas mesmas razões, usar O para TENKI (tempo) em II TENKIDA (faz bom tempo). Com polidez, basta acrescentar DESU: II TENKIDESU ou, no caso, II OTENKIDESU; mas talvez pelo desgaste que o tratamento aí contido tenha sofrido, ouve-se II OTENKIDEGOZAIMASU, não para expressar uma polidez maior, mas para recuperar parte do tratamento perdido.

Apesar do tratamento relativo ainda ser o mais comum e mais utilizado, novas formas têm surgido, têm se modificado. Com a expansão da comunicação de massas, com o avanço da informática, com a difusão de informações em massa, o comportamento lingüístico tem sofrido transformações. Acreditamos que este seja um momento propício para uma análise das variações da estrutura lingüística e da estrutura social, tema que propomos para um trabalho futuro.

## NOTAS:

- ( 1 ) A unidade sintagmática da língua japonesa é constituída de um conjunto [lexema + gramema] que pode ser realizado por um lexêmico + um gramêmico, ou por um lexi-gramêmico que já comporta em si, um lexema e um gramema.
- ( 2 ) Não serão levantadas todas as formas de expressões de tratamento, apenas algumas, a título de exemplificação.
- ( 3 ) TESASHIAGERU comporta uma modéstia maior do que TEAGERU.
- ( 4 ) MÔSHIAGERU comporta uma modéstia maior que MÔSU.
- ( 5 ) DEGOZAIMASU comporta uma polidez maior do que DESU.
- ( 6 ) As realizações lingüísticas de tratamento, com seus respectivos contextos de fala, serão apresentadas a título de exemplificação.
- ( 7 ) [ ~ ] significa "de posição hierárquica equivalente a".
- ( 8 ) [ < ] significa "de posição hierárquica inferior a".
- ( 9 ) [ > ] significa "de posição hierárquica superior a".
- (10) Para expressar "ir à casa do (emissor)", usa-se KURU (= vir) e não IKU (= ir).
- (11) Eiji Toyama. *Keigo no Henkan* (Evolução histórica do Tratamento), in Nihongo 4 (Col: Língua Japonesa 4). Iwanami, Tóquio, 1977, p. 138.

## BIBLIOGRAFIA:

- Barnlund, Dean C. *Public and private self in Japan and the United States*, trad. por Sen Nishiyama e Masako Sano. The Simul Press, Tóquio, 1979.
- Gadet, Françoise. *Recherches récentes sur les variations sociales de la langue*, in *Langue Française* 9. Paris, fev. 1971.
- Malmberg, Bertil. *A língua e o homem*. Rio de Janeiro, Duas Cidades, 1976.
- Minami, Fujio et al. *Keigo no Taikai* (Sistema das expressões de tratamento), in Keigo Kōza 1 (Col: Expressões de tratamento 1). Meijishoin, Tóquio, 1975.
- Minami, Fujio. *Keigo no Kinō to Keigo Kōdō* (Funções da linguagem de tratamento e suas ações), in Nihongo 4: Keigo (Col. Língua Japonesa 4: Linguagem de Tratamento). Iwanami, Tóquio, 1977.
- Ōishi, Hatsutarō. *Keigo no Honshitsu to Gendai Keigo no Tenbō* (A essência da Linguagem de Tratamento e as perspectivas de tratamento da atualidade), in Keigo Kōza 1, supra citado.
- Pretti, Dino. *Sociolingüística: os níveis da fala*. São Paulo, Ed. Nacional, 1974.
- Toyama, Eiji. *Keigo no Henkan* (Evolução histórica da linguagem de tratamento), in Nihongo 4, supra citado.
- Tsujimura, Toshiki. *Nihongo no Keigo no Kōzō to Tokushoku* (A estrutura e as características do tratamento da língua japonesa), in Nihongo 4, supra citado.